AUTOR:

Leandro Ribeiro Palhares ¹¹ Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil**Vigotski jogaria Capoeira?**Apontamentos sobre
a constituição de um capoeirista
do ponto de vista da abordagem
histórico cultural

PALAVRAS CHAVE:

Capoeira. Grupos.

Abordagem histórico-cultural.

RESUMO

O tema “diversidade, cultura e desporto” permite refletir sobre a capoeira enquanto prática social que contribui para o desenvolvimento cultural de seus praticantes. O objetivo deste artigo é compreender como um grupo de capoeira pode contribuir para o processo de desenvolvimento social e cultural de seus praticantes. Em um primeiro momento foi feita uma síntese da trajetória histórica da capoeira, buscando identificar uma característica comum ao longo do tempo: a organização de seus praticantes em grupos. Em um segundo momento se discutiu como ocorre o processo de desenvolvimento social, cultural e identitário no contexto de um grupo de capoeira, com o suporte conceitual e epistemológico da teoria histórico-cultural de Vigotski. Com a prática e o convívio social, os praticantes internalizam signos próprios da capoeira, passando a ser visto e a se ver por meio deste “novo eu” constituído pela práxis da capoeira.

Would Vygotsky play capoeira?

Notes on the formation of a *capoeirista*
from the point of view of the
cultural-historical approach.**ABSTRACT**

The theme “diversity, culture and sport” lets reflect on capoeira as a social practice that contributes to the cultural development of its practitioners. The purpose of this paper is to understand how a group of capoeira can contribute to the process of social and cultural development of its practitioners. Firstly an overview of the historical trajectory of capoeira was taken in order to identify a common trait over time: the organization of practitioners in groups. In a second step discussed how the process of social, cultural and identity development in the context of a group of capoeira, with the conceptual and epistemological support of cultural-historical approach of Vygotsky occurs. With practice and social interaction, practitioners internalize own signs of capoeira, starting to be seen and to see through this “new self” constituted by the practice of capoeira.

KEY WORDS:

Capoeira. Groups. Historical-cultural approach.

INTRODUÇÃO

O tema “diversidade, cultura e desporto” permite refletir sobre a capoeira e suas múltiplas possibilidades de prática, história, sonoridades, rituais e fundamentos. É a reflexão sobre estas possibilidades que viabiliza a compreensão da capoeira enquanto prática corporal que contribui para o desenvolvimento cultural de seus praticantes.

Um grupo de capoeira pode ser entendido como um tempo e um espaço de relações sociais onde as pessoas se afirmam em torno de valores culturais buscando autodeterminação e autonomia perante seus pares e a si mesmas. No presente artigo, ao indagar e examinar a capoeira como meio de formação individual, social e cultural, a abordagem histórico-cultural, especificamente as concepções elaboradas por Vigotski, será utilizada como base teórica e conceitual para a discussão da formação dos indivíduos (seu desenvolvimento humano) por meio das condições sociais e históricas dos mesmos através de processos de interação e mediação ⁽¹⁴⁾.

O propósito é compreender a função educativa dos grupos de capoeira, o papel do mestre de capoeira como educador dessas instituições e as relações entre as aprendizagens culturais e sociais que ali se dão ^(3, 7). Um grupo de capoeira pode ser compreendido como um tempo e espaço de formação por meio da “tradição, ancestralidade, ritual, memória coletiva, solidariedade e num profundo respeito à sabedoria do mais velho” ^(1, p.87), que contribuem para a socialização, aquisição de valores e conhecimentos culturais, possibilitando aos seus membros que ampliem seu espectro de visão de mundo, a partir da perspectiva cultural de um grupo, que modela o caráter das relações sociais e as normas morais que os governam ⁽¹⁰⁾.

Ao me referir aos grupos de capoeira não faço alusão apenas às instituições/agremiações que foram constituídas e passaram a se consolidar a partir da década de 1970 e hoje dominam a capoeiragem em todo o mundo. Pelo contrário, me refiro aos agrupamentos de pessoas em torno de valores, questões identitárias, motivações e interesses coletivos que, a partir do início do sistema escravocrata até os dias de hoje, devido a diversas relações dinâmicas de entrelaçamentos políticos, econômicos e sociais, foram surgindo outras apropriações e novos usos para a capoeira, com a consequente alteração de seus sentidos e significados ⁽⁸⁾.

A seguir será descrita uma síntese da trajetória histórica da capoeira, buscando identificar como os capoeiristas sempre se organizaram em torno de agrupamentos de pessoas, pois de acordo com Delgado ⁽⁶⁾, a história é constituída de relações dinâmicas, geralmente, consequência das ações de sujeitos históricos.

CAPOEIRA: CONSTITUIÇÃO

COLETIVA PERMANENTE

Os africanos foram distribuídos nas senzalas por características distintas, na tentativa de evitar aproximação e consequente rebelião: “[...] acentuar as rivalidades tribais, que não eram tão fortes a ponto de, por exemplo, provocar guerras entre os grupos, mas ainda assim existiam. Era dividir para reinar” ^(4, p.26 e 27). A estratégia negra de “... jogar com as ambiguidades do sistema, de agir nos interstícios do sistema” foi mais forte (Muniz Sodré citado por ^{4, p.27}) e a partir da formação sincrética desses grupos etnicamente distintos a cultura negra se recriou em nossas terras e os negros foram se conscientizando e lutando por sua liberdade; foi neste contexto que surgiu a capoeira.

Ainda durante a escravidão, quando os negros fugiam das senzalas das grandes fazendas buscavam refúgio nos quilombos, grupos organizados que buscavam proteção de seus componentes e preservação de sua cultura, com fortes traços da cultura e sociedade africanas. Em muitas ocasiões os quilombolas conseguiam alimento, armas, cavalos e roupas fazendo uso da capoeira em emboscadas aos capitães do mato. Os escravos urbanos, a exemplo dos escravos de ganho ou domésticos, também se agrupavam nos centros urbanos, às escondidas é claro, para trocarem informações e semear sua “nova” cultura, a exemplo de jogar capoeira.

Com o término oficial do sistema escravocrata, os negros, socialmente marginalizados, se organizaram em grupos maiores – pequenas sociedades – à margem dos grandes centros, dando origem ao que conhecemos hoje de favelas, subúrbios, morros e comunidades onde podiam manifestar livremente sua cultura, a exemplo de jogar e ensinar capoeira. No Rio de Janeiro tinham as maltas, organizações de capoeiristas que brigavam pela “liderança” das regiões da cidade e que se aliavam a políticos e membros da alta sociedade em troca de proteção e financiamento, conseguindo assim sobreviver em tempos de forte perseguição policial. Em Recife, os grupos de capoeiristas aliados às bandas de procissões, desfiles, carnavais, festas religiosas e comícios políticos, faziam uso da capoeira como violento recurso para defenderem seus contratantes e exterminarem os rivais. Em Salvador, os capoeiristas também se organizaram em grupos que com o tempo adquiriram um caráter menos combativo e mais cultural, constituindo uma capoeira mais relacionada à cultura popular. Geralmente este agrupamento de capoeiristas se dava em torno de um mestre: líder que conduzia a roda e seus seguidores.

Até então não se tinha a ideia de grupo de capoeira como se tem atualmente, ou seja, um espaço físico institucionalizado, com regulamentos, uniformes, hierarquia entre seus membros e um sistema de ensino. Isso só foi acontecer do início para meados do século XX, com os Mestres Bimba (criador da capoeira regional) e Pastinha (principal líder da capoeira angola) inaugurando suas academias: o Centro de Cultura Física Regional – CCFR e o Centro Esportivo de Capoeira Angola – CECA, respectivamente. A partir deste momento os mestres de capoeira passaram a arrebatar seus alunos e discípulos em torno de um

arcabouço de normativas (inclusive pedagógicas), socialmente aceitas, garantindo mais uma vez na história a adaptação e sobrevivência da capoeira.

A partir destes dois primeiros grupos a capoeira foi disseminada por todo o Brasil (décadas de 1950 a 1980), contribuindo para o surgimento de inúmeros grupos, além da consequente internacionalização da capoeira (décadas de 1980 a 2000). Atualmente, a capoeira faz parte do currículo de escolas e universidades, se faz presente em clubes, casas de espetáculos, consta na pauta governamental para discussões sobre sua profissionalização e conduzida ao posto de patrimônio cultural imaterial brasileiro, pouco mais de um século após ela ser considerada crime pelo Código Penal do Brasil ¹.

Os capoeiristas se organizam em grupos e quase sempre, segundo Abib ⁽¹⁾, são liderados por um homem reconhecido pela comunidade como mestre: o responsável por disponibilizar os saberes e as tradições de um grupo social devido a sua sabedoria e função social de guardião das tradições. Atualmente, muitos mestres atuam como educadores, indo além do ensino das práticas corporais e musicais da capoeira, favorecendo por meio do aparato estrutural, social e identitário de um grupo que sujeitos com diferentes trajetórias sociais e culturais se formem homens e cidadãos sob sua tutoria. Assim, é pertinente e relevante compreender como esse processo educativo “[...] de construção/afirmação de identidade étnico-cultural e os reflexos do mesmo na sua práxis pedagógica” ^(11, p. 59) ocorre dentro da “instituição de ensino” grupo de capoeira.

A partir da síntese acima apresentada é possível identificar uma característica comum, presente em todo o percurso histórico da capoeira: sua origem, sobrevivência, adaptação, consolidação e expansão se deram por conta da organização de seus praticantes em grupos. Cabe ressaltar aqui que esses grupos são uma reunião de pessoas que se unem através do que Cordeiro ⁽⁵⁾ descreve como referencial cultural: conjunto de valores, crenças, costumes, rituais, tradições e formas de aprendizagem, que passa a constituir uma identidade cultural, individual e coletiva e, conseqüentemente, a identidade pessoal. Esta perspectiva de grupo vai ao encontro do fundamento filosófico do Ubuntu, que significa “eu sou porque nós somos e porque nós somos, então, eu sou” (Akbar, p. 45 citado por ¹⁰).

DISCUSSÃO

Muitos capoeiristas se constituem indivíduos, social e culturalmente ativos e conscientes, devido à imersão em um grupo de capoeira, em constante interação com outros capoeiristas e principalmente com o Mestre de capoeira: tido por muitos como um verdadeiro educador social. Com isso, a compreensão de como ocorre o processo dialético e semiótico de desenvolvimento humano (social, cultural e identitário) no contexto de um grupo de capoeira só pode

ser adequadamente esclarecido com o suporte conceitual e epistemológico da teoria histórico-cultural de Vigotski: perspectiva da aprendizagem como construção de sentidos e significados.

Para Vigotski e Luria ⁽¹⁵⁾, é nas relações sociais, na integração entre as pessoas que emergem as oportunidades de aprendizagem – as zonas de desenvolvimento iminente. Para Vigotski, mais importante que aprender são as motivações que conduzem à aprendizagem e é nesta subjetividade que os sujeitos se singularizam nas relações sociais. Com isto, um capoeirista se constitui nas relações, dialéticas e conflitivas, de um grupo de capoeira. As oportunidades de experiência surgem do convívio coletivo dos treinos, rodas e eventos e estar motivado é o principal combustível para tirar proveito e aprender. É o “eu” se constituindo no “nós”.

Segundo Vigotski, a cultura é um fenômeno histórico com forte relação com a mente humana mediada pelo uso de instrumentos e signos. De acordo com Sirgado ⁽¹²⁾, Vigotski aponta três momentos do desenvolvimento cultural: em si; para os outros; para si. O primeiro momento, “em si”, é quando o sujeito ao se inserir em um determinado grupo social passa a observar os componentes daquele grupo, em relação ao seu gestual, linguagem, rituais, códigos, enfim, signos. Assim, um capoeirista iniciante observa e percebe os capoeiras mais experientes em relação a sua postura corporal, linguagens verbal e não verbal, os códigos de hierarquia e de comportamento que permeiam o cotidiano de um grupo de capoeira.

A partir daí os capoeiristas iniciantes passam a se apropriar destes signos, tomando-os como seu para, em um primeiro momento, adquirir a aceitação dos demais membros que compõem o grupo, em especial os mais antigos e o Mestre. Este é o segundo momento do desenvolvimento cultural: “para os outros”. Por fim, o terceiro momento, “para si”, é o momento em que o capoeirista iniciante passa a resignificar aqueles signos que foram adquiridos, dando sentido pessoal a eles, quer dizer, resignificando-os. A partir de então o praticante torna-se efetivamente um membro do grupo de capoeira, se constituindo um sujeito singular, porém constituído pela ação de um coletivo.

O desenvolvimento cultural proposto por Vigotski segue uma abordagem dialética, ou seja, uma lógica e uma metodologia processual, ruptiva, construtiva (e reconstrutiva) e conflitiva: quesitos presentes e constantes no convívio em um grupo de capoeira. Para Leontiev ⁽⁹⁾, esta construção dialética do indivíduo é fruto de conversões culturais – do social para o individual – e só ocorre por mediação do grupo. A mediação semiótica são as significações, por signos (as mais diversas linguagens), produzidas por nós e legitimadas pelo outro ⁽¹²⁾.

Um indivíduo se torna único por meio dos sentidos e significados atribuídos às experiências de aprendizagens vividas e compartilhadas. Segundo Aguiar e Ozella ⁽²⁾, sentido é mais abrangente que significado, já que este não segue uma lógica social e sim uma interpretação subjetiva, permeada pela emoção e pelos processos afetivos e cognitivos. Para Vigotski ⁽¹³⁾, a relação sujeito e objeto é mediada por signos, ou seja, ao aprender um novo termo, expressão, toque e movimento de capoeira, o capoeirista aprende acima de tudo seus significados e sentidos. Significado é aquilo que faz sentido para o grupo de capoeira e que o capoeirista

1 — Decreto no 847, Capítulo XIII – Dos vadios e capoeiras, de 11 de outubro de 1890.

iniciante vai se apropriar com o objetivo de ser aceito. Sentido é a resignificação de um signo (por exemplo: um movimento; um estilo de conversar) que passa a fazer sentido para o capoeirista e é incorporado ao seu repertório psicológico e/ ou verbal individual.

O objetivo deste artigo foi compreender como um grupo de capoeira pode contribuir para o processo de desenvolvimento social e cultural de seus praticantes, em outras palavras, compreender como algumas pessoas após se inserirem na capoeira passam a internalizar signos próprios desse fenômeno cultural. E com o passar do tempo, um tempo historicamente constituído de experiências eminentemente práticas e afetivas, estas pessoas passam a significar tais signos os convertendo para um novo modo de pensar, falar e agir.

E indo além, em conformidade com a proposta de desenvolvimento cultural de Vigotski, estes sujeitos passam a serem vistos e a se ver, inclusive em outros ambientes (trabalho, estudo e família), por meio dessa outra significação social e cultural que permeia seu “novo eu”, constituído pela práxis da capoeira. É o “eu” constituído na relação com o “nós”; é o homem se fazendo pela capoeira; é Vigotski jogando capoeira!

REFERÊNCIAS

1. ABIB, P.R.J. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. Caderno Cedes, Campinas, v.26, n.68, p.86-98, 2006.
2. AGUIAR, W.M.J.; OZELLA, S. Núcleo de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. Revista Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v.26, n.2, p.222-245, 2006.
3. ARROYO, M. Educação em tempos de exclusão. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Org.) A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho. São Paulo: Cortez, 2002, p.270-279.
4. CAPOEIRA, N. Capoeira: os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record, 1996.
5. CORDEIRO, Y.C. A participação da prática da capoeira no processo de constituição da identidade adolescente. 2007. 131f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.
6. DELGADO, L.A.N. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
7. GOHN, M.G.M. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas na escola. Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ., v.14, n.50, p.27-38, 2006.
8. KANITZ, R.C.M.; CAMPOS, T.; UDE, W.E.M. Zoação, juventude e masculinidade: distintos sentidos e significados. In: ISAYAMA, H.F.; SILVA, S.R. Estudos do Lazer: um panorama, Rio de Janeiro: Apicuri, 2011, p.125-143.
9. LEONTIEV, A.N. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Horizonte, 1978.
10. NOGUEIRA, S.G. Processos educativos da capoeira angola e construção do pertencimento étnico-racial. 2007. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.
11. SANTOS, I.P. Capoeira: educação e identidade étnico-cultural em grupos/academias da cidade de Salvador-BA. Sitientibus, Feira de Santana, n.30, p.47-60, 2004.
12. SIRGADO, A.P. O social e o cultural na obra de Vigotski. Educação e Sociedade, v.21, n.71, p.45-78, 2000.
13. VYGOTSKY, L.S. Pensamiento y Palabra. In: VYGOTSKY, L.S. Obras Escogidas, Tomo II. Madrid: Visor Distribuciones, 1993, p.287-348.
14. VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.
15. VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R. Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: ArtMed, 1996.